

O PAPEL DO PAI E A SUA INFLUÊNCIA NA AUTO DEFINIÇÃO DO GÊNERO NO INDIVÍDUO

1) A FIGURA PATERNA E SEU PAPEL NA EDUCAÇÃO DAS CRIANÇAS

Conforme preconiza a psicologia mais abalizada, os papéis da mãe e do pai não são intercambiáveis. Ou seja, neste sentido, não há como um deles substituir ou assumir de forma satisfatória o papel desempenhado pelo outro.

O pai não é simplesmente aquele que gera, e nem aquele mais ou menos preocupado por sua prole. Não basta também apenas a presença física para que haja um desenvolvimento equilibrado dos filhos.

E também é errôneo afirmar que desempenhará sadiamente sua função se imitar os modelos de conduta femininos, como se fosse uma co-genitora.

De acordo com a Prof. MARIA CALVO CHARRO¹, a função paterna bem exercida apresenta as seguintes características: 1) Permite ao filho individualizar-se, separando-o da mãe; 2) impõe ao filho a ordem de filiação frente a suas pretensões de onipotência; 3) ajuda ao filho a adquirir sua identidade sexual.

Vamos analisar mais a fundo cada uma dessas características.

1) Permite ao filho individualizar-se, separando-o da mãe.

Se há ausência do pai, física ou psiquicamente, deixará de existir também seu papel de “separador” que representa. Assim, a função paterna é a de, precisamente, fazer aflorar no filho a necessidade de se diferenciar da mãe, diminuindo drasticamente a incidência de uma insana e mútua interdependência.

A insana e mútua interdependência do filho em relação à mãe ocorre, em regra, devido a sua luta para evitar em seus filhos todo tipo de sofrimento, fazendo-os dependentes do prazer – em franca reprodução e prolongamento da vida uterina. No entanto, em longo prazo, esse comportamento produzirá uma consequência totalmente antinatural, ao transformar os filhos em seres carentes da dimensão adulta.

Logo, pode-se afirmar que a negação da função paterna põe em perigo toda a sociedade. Isso porque, uma vez adolescentes, muitos daqueles meninos não têm outro meio de provar sua virilidade senão pela radicalização do comportamento contra a mulher-mãe, inclusive por meio da violência. Nas palavras de Anatrella²: “*cuando el padre está ausente, cuando los símbolos maternales dominan y el niño está solo con mujeres, se engendra violencia*”.

Pode-se ampliar as consequências da ausência física ou psíquica do pai para universos mais amplos do que apenas a família. Segundo assinala Cordés³, quem busca os motivos

¹ CHARRO, Maria Calvo. Professor Titular de Direito Administrativo na Universidade Carlos III de Madrid, escrito em 20/02/2012.

² ANATRELLA, Tony. Sacerdote católico romano e psicanalista francês.

³ CORDES, Paul Josef, *El eclipse del padre*, Ed. Palabra, Espanha, 2004, págs.50-51.

da predisposição da violência só ou principalmente em fatores socioeconômicos, caem inexoravelmente na superficialidade do problema. Isso porque tais teorias subvaloram a influência familiar, o enorme efeito do comportamento paterno e sua decisiva influência na personalidade do menino⁴.

O psicólogo forense Shaw Johnson nos mostra que não há nada mais capacitado para frear a agressão antissocial de um rapaz que seu pai biológico⁵. Afirma que alguns trabalhos de investigação criminal demonstram que a função paterna tem estreita ligação com o controle de impulsos, em especial as de agressão física, e do desenvolvimento da capacidade de autocontrole⁶.

Essa relação entre função paterna e controle de impulsos tem, possivelmente, um papel de relevância também na parte psicológica dos adictos em drogas (Stern, Northman & Van Slyk, 1984).

Quem outorga a liberdade ao filho é o pai, e é ele também quem concede ao filho um sentimento de segurança e alternatividade frente à mãe.

A função é indispensável para que o menino assuma sua própria individualidade, identidade e autonomia psíquica necessária para se realizar como sujeito. É o pai que, através do carinho e do afeto, mas sem descurar da autoridade, deve definir limites e motivar a criança para a própria superação, rumo à construção de uma personalidade correta.

2) Impõe ao filho o reconhecimento de sua posição diante de suas pretensões de onipotência.

A função paterna constrói no filho o sentido dos limites, ou seja, delimita as proibições, coloca-o no lugar que o corresponde e, frente às suas ambições de onipotência, impõe a ordem hierárquica de filiação.

Essa ambição de onipotência ocorre quando, diante da inexistência de freios, a criança, ainda inexperiente e primitiva (apenas o “eu”), passa a impor regras e costumes familiares conforme seus desejos.

Sendo assim, o conflito edípico – confronto com o pai e sua representação social – passa a ser necessário enquanto formador da personalidade, conduzindo a criança ao amadurecimento e a sua integração ao universo adulto. Integra-a, assim, à realidade da vida. Como já visto, aquela criança que passa sua existência sem experimentar a paternidade tem muitas possibilidades de se lançar, em sua juventude, a comportamentos antissociais, violentos, agressivos e inclusive às tendências homossexuais.

⁴ CORDES, Paul Josef, *El eclipse del padre*, Ed. Palabra, Espanha, 2004, págs.50-51.

⁵ Citado por M. MEEKER, *100% Chicos*, ed. Ciudadela, pág.161

⁶ MISCHÉL, 1961a; MISCHÉL, 1961B; BILLER, 1974; BILLER, 1976; BILLER, 1982; BILLER, 1993; BILLER, 1994; BILLER & TROTTER, 1994; HAAPASALO & TREMBLAY, 1994; PATTERSON & DEBARYSHE, 1989; PHARES & COMPAS, 1992; HERZOG, 1982; SNAREY, 1993; LISAK, 1991; LISAK & ROTH, 1990.

Para entendermos bem a função do pai, que é diversa da desempenhada pela mãe, o pai é a “não-mãe” que terá que mostrar ao filho como funciona o mundo e como haverá de encontrar seu lugar nele. Corresponde, sobretudo ao pai, “disciplinar” seus filhos.

Diversos estudos vem demonstrando como os homens respondem melhor à disciplina quando esta vem imposta por outro homem. O pai tem um papel decisivo no desenvolvimento do autocontrole e da empatia da criança, dois elementos essenciais e imprescindíveis à vida em sociedade.

Um trabalho de investigação baseado em um segmento de crianças e jovens durante 26 anos, revelou que o melhor indicador de empatia no adulto é ter tido um pai presente e comprometido com sua educação. Mais que qualquer outra variável associada à conduta da mãe, a empatia, que dá a possibilidade de possuir uma boa noção sobre o sofrimento alheio, e assim inibir a agressividade, é novamente um tema da função paterna.

Se os pais não ajudam os filhos com sua autoridade amorosa, a crescer e se preparar para a vida adulta, serão as instituições públicas que se verão obrigadas a lhes impor o princípio de realidade, mas agora através do remédio amargo da força, e não do afeto. E desse modo, perder-se-á a oportunidade de formar adultos livres e responsáveis.

Muitas mães tentam evitar os “conflitos” pai-filho, sem perceber que são processos necessários à construção da personalidade dos meninos. Sua relação está fadada a competição constante, tensão e confrontação. Cada um tentará marcar e delimitar seu território. No entanto, e de forma paradoxal, é necessário esclarecer que estes choques esporádicos culminarão, na adolescência, numa forte e sólida união paterno-filial.

3) Ajuda o filho a adquirir sua identidade sexual

A diferença de sexos encarnada pelo pai possui também outros desdobramentos, como o de ser papel de revelação e de confirmação da identidade sexual.

A masculinidade não se aprende nos livros e precisa ser transmitida aos filhos. Isso ocorrerá sem que percebamos. No início da vida, tanto a menina quanto o menino têm a tendência de se identificar com o sexo da mãe. Contudo, será o pai que vai permitir ao filho, na medida em que é reconhecido pela mãe, situar-se sexualmente⁷. Essa realidade imposta aos meninos fará com que ele enfrente um itinerário mais difícil do que a menina para libertar-se de sua mãe e afirmar a sua virilidade.

Dado esse fator, alguns pesquisadores chegam a pensar que a condição básica do fenótipo sexual humano é feminina.

Logo, é o pai quem ensinará o filho a ser do gênero masculino. Todo menino, de modo aproximado, deve sofrer uma desconexão e diferenciação da mãe, para experimentar uma identificação com o pai. Se nesse momento o pai está ausente ou é inacessível e distante dos filhos, dificilmente adquirirão a noção da masculinidade⁸.

⁷T. ANATRELLA, *La diferencia prohibida*, ed. Encuentro, 2008, p.58.

⁸J. DOBSON, *Bringing up boys*, ed. Tyndale, 2001, pág.58.

Anatrella é contundente a respeito: “*Sólo frente al padre el chico será confirmado en su masculinidad y la chica podrá feminizarse*”⁹.

Na mesma linha, o psicanalista Erikson afirma: “*El acompañamiento que el padre realiza en el proceso en el que el niño construye su propia identidad es insustituible*”¹⁰. Da mesma forma, a psicóloga A. Horner explica: “*Una vez establecido el curso de la identidad femenina de la chica es relativamente interrumpido. La identidad femenina esencial se origina en las primeras relaciones con la matriz. Mientras que la identidad sexual del chico depende de su capacidad de diferenciarse de la matriz*”¹¹.

Neste sentido, assinala Anatrella que, na história, cada vez que as sociedades ficaram dominadas pelo matriarcado educativo, com a preponderância do papel das mulheres, assistimos a um predomínio social da homossexualidade, pois o menino terá que lutar contra a invasão materno-feminina por meio da fusão dos gêneros feminino e masculino¹².

Os meninos necessitam de modelos masculinos para se converterem em homens. A partir dos sete anos, os meninos preferem a companhia de homens. Quando se priva o jovem de um modelo adequado de masculinidade, a sua tendência será a de exagerar nos estereótipos machistas, porque nunca recebeu a imagem justa e equilibrada do que significa ser homem.

2) O ESPELHO DO PAI NA ATUALIDADE E SEUS DESDOBRAMENTOS

Como assinala Anatrella, a revolução de 68¹³, foi na realidade uma “*revuelta contra el padre y contra todo lo que él representaba*”. Desde então e até agora a sociedade vem paulatinamente esvaziando o valor da função paterna, não conta mais com ele e sua autoridade foi sendo ridicularizada. As mulheres manifestamente prescindem deles, o que provoca que os filhos lhes percam absolutamente o respeito. Nestas circunstâncias, quando o pai não é significativo para a mãe, a criança o percebe e ela mesma se coloca em seu lugar, convertendo a função paterna em inexistente.¹⁴

O entendimento social de hoje é que o pai e a mãe possuem, nos filhos, influências intercambiáveis. Pensa-se também que inexistem diferenças biológicas entre os sexos e que as mulheres poderiam educar seus filhos sem a presença paterna¹⁵.

⁹ T. ANATRELLA, *La diferencia prohibida*, ed. Encuentro, 2008, pág.224.

¹⁰ Citado por P. J. CORDES, em la obra: *El eclipse del Padre*, ed. Palabra, 2004, pág.65.

¹¹ Citados por M. GURIAN, *¿En qué estará pensando?* Ed.rano, 2004, pág.196.

¹² T. ANATRELLA, *La diferencia prohibida*, ed. Encuentro, 2008, pág.21.

¹³ Trata-se da denominada revolução feminista. Iniciou-se por motivos banais, após um concurso de beleza nos Estados Unidos. A tal fato foram se agregando idéias das mais variadas ligadas a temática feminina, a cujo conjunto se denominou de revolução. Provocou passeatas em diversos países, como o Brasil, França, Estados Unidos, República Tcheca e Alemanha, e ficou marcada pela incineração de sutiãs em Berlim.

¹⁴ T. Anatrella, *La diferencia prohibida*, ed. Encuentro, 2008.

¹⁵ Em sua obra “*Sola por elección. Madre por elección. Cómo las mujeres están eligiendo la maternidad fuera del matrimonio y creando una nueva familia americana*”, a professora de estudos da mulher do *Wellesley College*, Rosanna Hertz, afirma com precisão que os pais simplesmente não são necessários. O núcleo familiar é o constituído pela mãe e pelo filho. Os homens no mundo atual estariam obsoletos.

Isso provocou e tem provocado o surgimento de uma geração de crianças que crescem com a ausência absoluta de um modelo paterno, o que compromete negativamente o desenvolvimento pessoal e acadêmico do indivíduo.

Atualmente nos Estados Unidos, um de cada três meninos cresce sem pai. Essa mesma pesquisa aponta que, no caso de minorias, essa estatística sobe a dois a cada três¹⁶.

Mas a ausência da figura paterna possui seus desdobramentos.

O efeito da ausência do pai na saúde e bem estar das crianças é muito negativo. Diversos estudos demonstram como a carência de pai está na base da maioria dos problemas atuais mais urgentes. Essa influência vai desde a pobreza e a delinquência até a gravidez na adolescência, abuso infantil e violência doméstica. Até trinta anos atrás se pensava que os motivos principais das condutas conflitivas das crianças se encontrava na pobreza ou na discriminação.

Hoje se sabe, como assinala o Dr. Dobson, que sem a orientação de um pai, a frustração dos meninos vai lhes conduzir a variadas formas de violência e comportamento antissocial¹⁷.

O sociólogo Duncan Timms (Universidade de Estocolmo, 1991) realizou, por 18 anos, o acompanhamento de todas as crianças nascidas na Suécia em 1953. Fez, em intervalos regulares, um psicodiagnóstico de cada uma dessas 15.000 crianças. Os que apresentaram um grau maior de disfunção psicológica foram homens nascidos de mãe solteira e que cresceram sem o pai.

Essa pesquisa converge com o resultado de um mesmo acompanhamento com mais de 17.000 menores de 17 anos que o “1988 National Health Interview Survey of Child Health” realizou nos Estados Unidos: o risco de disfunção psicológica (problemas emocionais e/ou de conduta) é significativamente mais alto para crianças que cresceram sem pai (entre 2 e 3 vezes mais alto (Dawson, 1991).

Diversas estatísticas demonstram que os adolescentes sem pai: se entregam mais cedo e sem limites em experiências sexuais; tem maior risco de abusar das drogas como o álcool e a maconha; tem mais possibilidade de sofrer enfermidades mentais e propensão ao suicídio; figuram em maior proporção nas estatísticas de abandono escolar e criminalidade (estes efeitos se acentuam quando se trata de crianças que experimentaram o divórcio de seus pais sendo menores de cinco anos¹⁸); a maioria das crianças com carências afetivas por parte de seu pai sofrem problemas emocionais como ansiedade e depressão, além de problemas de identidade sexual; são menos solidários e

¹⁶ *Promoting Responsible Fatherhood Initiative*, United States Department of Health and Human Services, 2006.

¹⁷ J. DOBSON, *Bringing up boys*, ed. Tyndale, 2001, pág.56.

¹⁸ David M. FERGUSSON, John HORWOOD and Michael T. LYNSKY, "Parental Separation, Adolescent Psychopathology, and Problem Behaviors," *Journal of the American Academy of Child and Adolescent Psychiatry* 33 (1994).

empáticos e tem significativamente menos capacidade intelectual.¹⁹ São mais agressivos, tem menos autocontrole e escasso senso de culpabilidade²⁰.

Em geral, necessitam de mais ajuda psiquiátrica. Cerca de 80% dos adolescentes nos hospitais psiquiátricos provém de famílias destruídas²¹. Em 1988, um estudo realizado sobre crianças em idade pré-escolar em tratamento psiquiátrico nos hospitais de Nova Orleans descobriu que cerca de 80% deles provinham de lares sem pai²².

Nos EUA, 29.7% das crianças sem pai e 21,5% dos filhos de pais divorciados que vivem sós com a mãe repetiram ao menos uma vez o curso, em comparação com os 11,6 % dos que vivem com seu pai e sua mãe biológicos²³. Também ingressam menos na Universidade²⁴. Um estudo realizado sobre 156 vítimas de abusos sexuais mostrou que a maioria pertencia a famílias sem pai²⁵.

Cerca de 43% dos rapazes na prisão cresceram em lares de famílias monoparentais²⁶. E 72% dos que cometeram algum homicídio e cerca de 60% dos que cometeram crimes cresceram sem pai²⁷. A porcentagem aumenta quando se refere a crianças e jovens não brancos²⁸.

Segundo o Dr. Muñoz Farias, as crianças que crescem sem uma figura paterna, geralmente evidenciam transtornos na adolescência porque não encontram uma identidade: *“Los jóvenes sufren de inseguridad, soledad y depresión, que pueden plasmarse en el fracaso escolar, consumo de drogas y vagancia. En definitiva, no tienen la capacidad para controlar sus impulsos y no pueden autorregularse”*.

Os meninos, logo na idade adulta terão dificuldade para exercer devidamente a paternidade por falta de exemplos masculinos. Segundo o sociólogo Peter Karl, as crianças que passam mais de oitenta por cento do tempo com mulheres, ao chegar na maturidade não sabem como atuar como homens. Estes jovens crescem como pais

¹⁹Greg L. DUNCAN, Jeanne BROOKS-GUNN and Pamela KATO KLEBANOV, *"Economic Deprivation and Early Childhood Development,"* Child Development 65 (1994).

²⁰ E.M. HETHERINGTON and B. MARTIN, *"Family Interaction"* in H.C. Quay and J.S. Werry (eds.), *Psychopathological Disorders of Childhood*. (New York: John Wiley & Sons, 1979)

²¹J.B. ELSHTAIN, *"Family Matters..."*, Christian Century, July 1993. William GALSTON, Elaine KAMARCK. Progressive Policy Institute. 1993

²²Jack BLOCK, et al. *"Parental Functioning and the Home Environment in Families of Divorce,"* Journal of the American Academy of Child and Adolescent Psychiatry, 27 (1988). Nicholas ZILL, Donna MORRISON, and Mary Jo COIRO, *"Long Term Effects of Parental Divorce on Parent-Child Relationships, Adjustment and Achievement in Young Adulthood."* Journal of Family Psychology 7 (1993).

²³ WALLERSTEIN, *Family Law Quarterly*, 20. (Summer 1986).

²⁴ J. Debra DAWSON, *"Family Structure and Children's Well-Being"*, Journals of Marriage and Family, No. 53. (1991).

²⁵ Beverly GOMES-SCHWARTZ, Jonathan HOROWITZ, and Albert P. CARDARELLI, *"Child Sexual Abuse Victims and Their Treatment,"* U.S. Department of Justice, Office of Juvenile Justice and Delinquency Prevention.

²⁶ US Bureau of Justice Statistics, Survey of State Prison Inmates. 1991.

²⁷ D. CORNELL (et al.), *Behavioral Sciences and the Law*, 5. 1987. And N. DAVIDSON, *"Life Without Father,"* Policy Review. 1990. Alan BECK et al., *Survey of Youth in Custody, 1987*, US Bureau of Justice Statistics, 1988.

²⁸ Tom LUSTER and Hariette PIPES MCADOO, *"Factors Related to the Achievement and Adjustment of Young African-American Children."* Child Development 65 (1994): 1080-1094

deformados porque a eles mesmos foi privado um comportamento paterno exemplar. E é absolutamente errado pensar que a função materna pode encher esse vazio.

3) O IDEAL DO PAI NA FAMÍLIA DE NAZARÉ E SEU MODELO PARA A ATUALIDADE

O Fundador da Obra Internacional de Schoenstatt, Pe. José Kentenich, ao definir o modelo da família schoenstattiana, afirmou que “é uma família que se empenha, pela força da Aliança de Amor com a Mãe e Rainha Três Vezes Admirável de Schoenstatt, em realizar de uma maneira atualizada, o ideal da Sagrada Família de Nazaré”²⁹.

Pai e mãe tem a posição que lhes é própria, conforme a intenção de Deus desde toda a eternidade.

Com efeito, o ideal do pai atual é agir, de maneira atualizada, como São José. Comparado pela dignidade, São José está abaixo de Jesus Cristo e Maria. Porém, sob o ponto de vista da posição oficial, São José está no centro, mesmo sendo menos perfeito que a Mãe de Deus e Jesus³⁰.

Na Família de Nazaré encontra-se o pai como autoridade fundamental, educando seu filho para a coragem e a ousadia, e em tudo deve ser orientado em direção ao pai. E a responsabilidade do homem-pai é a de ser um reflexo, uma imagem de Deus Pai e da autoridade Divina, sem menosprezar, contudo, o valor insubstituível da maternidade, a indispensável presença da ternura e da dedicação materna. Nele, os filhos devem experimentar e vivenciar o Pai do Céu e saborear vitalmente a beleza e a felicidade de uma família completa, pela união e amorosa fidelidade conjugal de seus pais.

Já a tarefa de Maria Santíssima é formar o homem para ser pai e reflexo de Deus-Pai, e a mãe para ser uma transparência de sua maternidade.

Em se tratando do homem, assim é o pai à luz do ideal de Nazaré, e sua importante participação na família.

Tradução, adaptação e produção do texto:

Luciano Mendes Scaliza

Maria Cristina Gwiggner Scaliza

Movimento Apostólico de Schoenstatt

XIX Curso da União de Famílias

Londrina/PR - Marabá/PA

e

Ir. Maria Fernanda Balan

Instituto das Irmãs de Maria de Schoenstatt

²⁹ KENTENICH, José, Família a Serviço da Vida, Vol. 1, 2ª Edição, pág. 20.

³⁰ KENTENICH, José, Família a Serviço da Vida, Vol. 1, 2ª Edição, pág. 23.